

No atual contexto de crise política e econômica mundial, permeado por diversas insurgências populares, como podemos pensar o papel da juventude na construção de novos paradigmas?

Aluizio ALVES FILHO¹

Durante séculos os pensadores que propuseram mudanças radicais na organização social como maneira de livrá-la de problemas e defeitos que apontavam, indicaram personagens determinados como os únicos capazes de conduzir as mudanças na direção que davam como corretas. Exemplos típicos da assertiva são o Rei-Filósofo de Platão, o Legislador de Rousseau, o Príncipe de Maquiavel e o intempestivo Zaratustra de Nietzsche. A lista pode ser acrescida de muitos outros personagens entre os quais Licurgo, citado pelo historiador grego Heródoto de Halicarnasso (485-420 a.C.) como o legislador da *polis* de Esparta. Se Licurgo realmente existiu ou é apenas um símbolo, não se pode dizer ao certo. Há uma lenda cercando o seu nome que tem a serventia de justificar o respeito devido por todos às leis, mesmo havendo a sensação de que são imperfeitas. Pela lenda espartana, após fazer as leis, Licurgo retirou-se da cidade para poder, recolhido ao silêncio e à solidão, refletir meticulosamente a respeito até conseguir reelaborá-las de modo perfeito e definitivo. Em troca desta promessa obteve dos espartanos o juramento que jamais as desrespeitariam, até que voltasse com as leis definitivas. E para que elas nunca fossem transgredidas, diz a lenda, o sábio Licurgo jamais voltou a Esparta.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB. Professor adjunto aposentado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica - PUC, Rio de Janeiro. Editor da Revista de Ciência Política *Acheegas.net*. Autor dos livros: 1. *Para ler no engarrafamento*. São Paulo: Editora Scortecci, 2008. 2. *Manoel Bonfim: combate ao racismo, educação popular e democracia radical*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. 3. *As metamorfoses do Jeca Tatu*. Rio de Janeiro: Editora Inverta, 2003. 4. *Os bichos na pós-revolução: a perereka*. Rio de Janeiro: Editora Obra Aberta, 1994. 5. *Manoel Bonfim: ensaísta esquecido*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1979. E-mail: aluizio.alves@uol.com.br.

Os agentes das transformações sociais dadas como desejáveis até aqui arrolados, o Rei-Filósofo, o Legislador, o Príncipe, Zaratustra e Licurgo, têm como denominadores comuns o fato de serem construções abstratas e personagens individuais apontados como possuidores de qualidades determinadas; e, por tais, são tidos como os únicos capazes de conduzir a sociedade para o bom caminho. Mas foi somente a partir de Karl Marx e Friedrich Engels que a hipótese da existência de um ator social real e coletivo e não metafórico e individual apresentado como agente das grandes e necessárias revoluções políticas invadiu o mundo da filosofia e das ciências sociais, influenciando-o com intensidade. Referimo-nos às *classes sociais*, que Marx e Engels, pela primeira vez, no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848 (MPC), postularam funcionar como o motor das grandes revoluções políticas e sociais, ao escrever: “Até hoje, a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes” (ENGELS; MARX, 1961, p. 13).

É com base no princípio da luta de classes que os autores do MPC referem-se à burguesia como agente das transformações que fizeram surgir dos escombros da sociedade feudal uma nova estrutura social. Esta, produzida por uma complexa série de transformações econômicas, políticas e ideológicas, possibilitou no espaço de poucos séculos o surgimento e a expansão por diferentes continentes do modo de produção capitalista. Modo de produção que engendrou diferentes tipos de formações sociais e que tem por principais eixos organizatórios a indústria, a propriedade privada dos meios de produção e as relações entre o capital e o trabalho assalariado. Sabidamente, segundo a teoria legada por Marx e Engels, no capitalismo, a classe operária é o agente social das novas transformações sociais, única força capaz de provocar rupturas estruturais na direção da construção de uma ordem social asseguradora do bem-estar e da justiça social.

Vale observar que tão intensas foram as transformações que vieram como produto do deslanchar e da expansão do modo de produção capitalista durante a segunda fase da revolução industrial no século XIX que, além do marxismo, muitas outras originais e fecundas formas de pensar o fenômeno coletivo surgiram, superando e tornando defasados paradigmas precedentes. Entre outras ciências sociais que se articularam na procura de respostas para problemas engendrados pela configuração de um novo mundo então florescente estão a economia, a administração e a sociologia.

Na nova realidade que veio à tona com a crescente industrialização e que cada vez mais iria envolver o planeta, o debate sobre as razões, o sentido, o ritmo das mudanças e os rumos políticos, econômicos e

sociais que deveriam ser perseguidos tornaram-se questões candentes tanto nas ciências sociais quanto no planejamento político. Com o crescimento dos centros urbanos e a chegada da massa no cenário histórico como ator político que mais e mais reivindicaria melhores condições de vida, a pergunta sobre quem seria o agente possível e ideal das mudanças passou a estar permanentemente na ordem do dia. No caso, para lembrarmos apenas alguns autores que deixaram contribuições a respeito encontrando inúmeros seguidores e tendo complexos desdobramentos no pensamento posterior a eles, referências a Marx e Engels, a Vilfredo Pareto e Gustave Le Bon são oportunas e fundamentais. Como vimos, em meados do século XIX, os primeiros colocam as pedras angulares da fundação da teoria que coloca a luta de classes como motor da história e indica o proletariado como o agente da revolução social que conduziria a humanidade para mares nunca dantes navegados. Inversamente, Pareto, professor da Universidade de Lausanne, em seu *Trattato di sociologia generale* (1916), contrapõe a luta de classes à luta de elites. Segundo Pareto, as massas são amorfas como força política, cabendo sempre às elites - definidas como necessariamente compostas por minorias - o projeto inovador e o papel de vanguarda das transformações do *modus vivendi*. Quanto ao citado ensaísta francês Gustave Le Bon é autor de um livro pioneiro sobre a “multidão”, o livro *La psychologie des foules* (1895), pensador muito lido pela intelectualidade brasileira da geração que nasceu com a República.

Diversos foram os movimentos sociais e partidos políticos que ao longo do século XX vanguardados por elites e falando em nome da arte, de interesses objetivos dos trabalhadores, da salvação, construção ou reconstrução nacional, acenaram para a juventude em busca de adesões, tentando ganhá-la para a causa que defendiam a fim de organizá-la e contar com grande número de seus membros em suas fileiras. A questão aventada é importante e complexa, entretanto, o nosso propósito aqui é apenas registrá-la, e não adentrá-la e analisá-la. Quanto ao papel da juventude como força motriz coletiva capaz de funcionar com estopim e agente de radicais transformações sociais, a questão só foi aventada na segunda metade do século passado na obra de Herbert Marcuse, sobretudo em *Eros and civilization* (1955) e *One-dimensional man* (1964)².

Nascido numa família judaica em 1898 na cidade de Berlim (Alemanha), Marcuse exilou-se nos Estados Unidos no início da década de 30 em decorrência da ascensão nazista em sua terra natal. *Eros and civilization* e *One-dimensional man* foram originalmente publicados quando lecionava

² *Eros e civilização* foi publicado no Brasil em 1966 e *One-dimensional man*, com o título de *A ideologia da sociedade industrial*, em 1967.

filosofia na Universidade da Califórnia. Nestes livros, nas pegadas da teoria crítica da Escola de Frankfurt³ e embebido em leituras de Marx e de Freud, Marcuse vê o ideário da industrialização perseguido tanto pelas sociedades capitalistas quanto pelas socialistas como um fator básico do entorpecimento e da alienação reinante que impedia os homens de agirem em defesa de seus reais interesses com independência e autonomia.

Para Marcuse, com os rumos seguidos pela industrialização, a classe operária havia perdido a combatividade e estava, nos países ocidentais, seduzida, cooptada e imobilizada pela introjeção de valores consumistas postos em curso pela sociedade burguesa, tendo se acomodado e deixado de lado os ideais revolucionários de outrora. Paralelamente, nos países da “cortina de ferro” onde reinava o dito “socialismo real”, a classe operária encontrava-se anestesiada pelo tacão imposto pelo partido único e dominador que defendia princípios igualitários na mesma proporção em que cada vez mais se afasta deles. Marcuse teorizava que nas circunstâncias dadas à classe operária não poderia ser o sujeito das revoluções sociais como um dia Marx e Engels prognosticaram e que a luta contra a repressão, inclusive contra a repressão sexual, mais sentida pelos jovens, atuava, nestes, como os detonadores da luta política, da luta por Eros, da luta pela liberdade.

Já foi dito que em meados do século XIX, Marx e Engels construíram uma teoria onde a luta de classes era apresentada como o móvel das revoluções estruturais. Por tal teoria, assim como no passado, a burguesia fora o agente que comandara a revolução mercantil e a industrial, o proletariado comandaria a revolução que poria fim ao domínio burguês; revolução que os autores do Manifesto de 1848 julgavam amadurecerem seu presente histórico como produto das contradições entre o capital e o trabalho. Desta forma, ao apresentarem um ator social coletivo como agente das transformações revolucionárias, em substituição ao pensamento dos que o precederam que invariavelmente davam com sujeitos de tais transformações agentes individuais. Como indicamos, decorreria mais de um século até que a teoria social apontaria um novo ator coletivo como agente das grandes revoluções políticas: a juventude.

No decorrer da década de 60, do século XX, por conjunto de circunstâncias diversas e em diferentes partes do mundo ocorreria a eclosão de movimentos que tendo a juventude por mola propulsora colocaria em xeque as bases em que estava alicerçado o poder, tanto nas Américas quanto na Europa. 1968 foi o ano em que tais rebeliões da juventude se concentraram e eclodiram com maior intensidade e vigor.

³ De Paul-Laurent Assoun, ver: *A escola de Frankfurt*, 1991.

Nos Estados Unidos, as primeiras manifestações de jovens que cresceriam a ponto de ter imensa repercussão nacional foram organizadas por estudantes na Universidade de Berkeley entre 1964 e 1965. Tais manifestações tinham por móvel protestar contra a guerra do Vietnã. Poucos anos depois, em 1968, já estavam espalhadas por outras instituições acadêmicas norte-americanas e tinham ganhado as ruas e diferentes segmentos da sociedade, propiciando a formação de uma corrente de opinião pública tão forte que contando com o substantivo apoio da imprensa e pressionando o poder constituído contribuiu de maneira decisiva para por fim ao estado de beligerância existente, tendo o acordo de paz entre o país agressor (Estados Unidos) e agredido (Vietnã) sido selado em 1973.

Na Europa ocidental, em 1968, principalmente a França, a Alemanha e a Itália foram palco de intensas manifestações estudantis de contestação ao *establishment*, questionando-o como ultrapassado, repressivo e mantenedor de privilégios que urgia extinguir. No leste europeu, sem a mesma intensidade que na parte ocidental, na mesma época, na Polônia, liderado por jovens, houve manifestações de contestações ao status quo.

Na América Latina, empestada por ditaduras, o ano de 1968 foi marcado por manifestações de protestos e outras formas de lutas gestadas no seio de movimentos da juventude. No Brasil, que é o caso que mais nos importa aqui reportar, o sentimento de revolta que fervilhava na alma de jovens estudantes contra os que haviam tomado o poder em 1964 pela via do golpe de estado e governavam com mão de ferro irrompeu com intensidade no dia 8 de março de 1968. O estopim dos acontecimentos que se seguiram envolvendo em larga escala a sociedade civil e colocando em polvorosa o despótico poder então existente foi o assassinato do jovem Edson Luís de Lima Souto por ser integrante de força policial que reprimiu com armas de fogo um protesto pacífico contra a ditadura. Manifestação da qual o jovem assassinado participava, em ato realizado no Calabouço, restaurante situado no centro da cidade do Rio de Janeiro e que servia refeições a preços módicos para estudantes⁴.

Em duas ocasiões anteriores a 1968, segmento letrado da juventude brasileira organizada em torno da União Nacional dos Estudantes (UNE) atuou na vanguarda de reivindicações populares em defesa de questões nacionais. A primeira em 1942, quando a UNE organizou mobilizações para comícios em capitais do país com o propósito de pressionar o governo Vargas a declarar guerra às potências do Eixo. A segunda, em

⁴ Sobre as rebeliões da juventude estudantil brasileira da ocasião considerada ver, de Arthur José Poerner, *O poder jovem*; e de Zuenir Ventura, 1968: *O ano que não terminou*.

1947 quando lançou a campanha “O Petróleo É Nosso”, vitoriosa anos mais tarde com a criação da Petrobrás. Após 1968, a juventude estudantil também teve presença marcante em duas grandes reivindicações do povo brasileiro. Em 1986, na campanha das “Diretas Já” e em 1992, onde os estudantes, sobretudo, secundaristas, que ficaram conhecidos como “caras-pintadas” tiveram papel largamente destacado pela imprensa nas mobilizações populares que pediam o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello.

Neste ponto da nossa abordagem é preciso fazer um esclarecimento. Ao destacarmos a elevação da juventude a qualidade de possível agente coletivo das revoluções políticas e sociais em meados do século XX, segundo Marcuse, não chamamos a atenção para aspectos culturais que de alguma maneira influenciaram como componentes ideológicos ou comportamentais procedimentos adotados nas rebeliões envolvendo jovens no pós 45. Entre tais aspectos, tendo início na década de 50, vale mencionar: um conjunto de procedimentos não convencionais e agressivos ditos como típicos do que foi chamado de juventude transviada; a explosão do *rock and roll* que revolucionou maneiras de dançar e padrões de conduta, e os *beatniks*, introspectivos e pessimistas. Relativo a fenômenos culturais iniciados na década de sessenta com marcantes implicações sobre o comportamento da juventude, arrolamos: o hippismo, a beatlemania e o movimento denominado contracultura⁵. Importante considerar que com exceção da beatlemania que se refere a fenômeno iniciado na Inglaterra - uma vez que o termo é empregado para designar o autêntico frenesi que a banda de rock inglesa *The Beatles* provocava onde quer que se apresentassem - as demais manifestações culturais citadas se originaram nos Estados Unidos e todas se propagaram pelo mundo influenciando ou moldando, em maior ou menor escala, padrões de comportamentos coletivos de consideráveis quantidades de jovens.

Outro esclarecimento que se faz necessário é referente ao significado do termo juventude. Termo que viemos empregando sem qualquer delimitação conceitual, sendo substantivo fazê-lo, mesmo que em linhas gerais.

Antes de tudo é necessário dizer que juventude é uma situação transitória uma vez que relativa ao ciclo biológico da vida. É necessário dizer também que não há consenso sobre em que idade começa e em qual termina a juventude. Por exemplo, no Brasil, de acordo com o proposto em PEC, aprovada pelo Congresso Nacional em 2010, a juventude abrange todas as pessoas que têm entre 15 e 29 anos. Já a Assembleia

⁵ Sobre o assunto, ver: Theodoro Roszak, *A contracultura*.

Geral das Nações Unidas considerou como fazendo parte da juventude as pessoas que estão na faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos. Mas independente das diferentes classificações sobre o período da vida que deve ser compreendida como juventude, convém ainda frisar que o grupamento é constituído por pessoas bastante heterogêneas, quer seja quanto ao grau da escolaridade, classe social, grupo étnico, nacionalidade, etc. O simples fato de ser jovem não é condição básica para que os indivíduos desenvolvam laços de solidariedade e só em circunstâncias muito específicas o status de jovem é capaz de criar empatia entre os membros do grupamento, levando-os a articular interesses políticos, desenvolver “consciência de nós” e ter ação conjugada visando alcançar finalidade comum determinada. Necessário ainda acrescentar que as grandes manifestações políticas da juventude anteriormente citadas foram gestadas e contaram com participação expressiva de seu segmento mais intelectualizado: os estudantes. Em nosso país, segundo pesquisas atuais, a população jovem é composta por cerca de 50 milhões de pessoas, sendo apontados como problemas cruciais vividos pelos jovens as baixas possibilidades de acesso a um sistema educacional qualitativo, a escassez de oportunidades no mercado de trabalho e o aumento dos índices de violência.

Recentemente, vem ganhando destaque nos noticiários internacionais da imprensa matérias referentes à participação significativa de jovens em maciças manifestações de protestos políticos ocorridos em países árabes. Manifestações que ameçam seriamente ou têm levado de roldão, fazendo desabar, governos de ditadores há décadas encastelados no poder. Vale observar que o noticiário a respeito que costuma ser divulgado pelos grandes conglomerados que controlam o infoentretenimento em nossos dias prende-se a generalidades⁶. Como regra, informam tratar-se de luta pela democracia nos moldes ocidentais, erigidos a padrão verdadeiro, absoluto e universal. Como em nosso país a circulação de informações sobre a cultura, a religião, a história e a organização social do mundo árabe sempre foram muito ralas e truncadas é difícil, com base apenas no noticiário midiático sobre os atuais acontecimentos políticos que sacodem a região, entendê-los em sua complexidade assim como o papel que neles desempenham os jovens.

Será viável que no atual contexto de crise política e econômica mundial, a juventude, enquanto força política possa vir a desempenhar um papel crucial na luta pela construção de novos paradigmas, papel compa-

⁶ Para um bom entendimento da política seguida pelos conglomerados internacionais que controlam o infoentretenimento é recomendável, pela alta qualidade, a leitura da coletânea *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*, organizada por Dênis de Moraes.

rável ao que desempenhou ao acender o estopim das insurgências populares em 1968?

Muita água passou por baixo da ponte desde que em fins da década de 60 do século passado irromperam as manifestações de jovens estudantes se opondo a autoritarismos, intolerâncias, ideais consumistas alienados, arcaicos e desumanos, até os dias em curso. Entretanto, a conjuntura internacional em que tais movimentos da juventude floresceram e eclodiram em 1968 contribuíram para tal florescimento, sendo inteiramente diferente da que alicerça o cotidiano atual.

Em fins da década de 60, a guerra fria dividia o planeta e temia-se que viesse a ocorrer o confronto nuclear entre as duas superpotências com consequências desastrosas para a humanidade. A imagem internacional dos Estados Unidos estava fortemente desgastada pelo acúmulo de práticas imperialistas, pela fúria belicista na guerra do Vietnã, pelas denúncias de racismo interno e externo, pelo apoio a golpes de estado e a governos ditatoriais em expansão pela América Latina. No reverso da medalha, a União Soviética também não desfrutava de alto grau de simpatia entre os jovens, uma vez que era igualmente entendida como potência imperialista e que se orientava por práticas stalinistas. Por outro lado, a obra do italiano Antonio Gramsci e a do francês Louis Althusser estavam começando a chegar ao mercado editorial de muitos países ocidentais. Estes autores, vistos como renovadores da filosofia da práxis quebravam o marasmo do marxismo soviético e, ao lado de Herbert Marcuse, eram muito lidos por estudantes, renovando anseios e ideais. Fidel Castro, Che Guevara, Ho Chi Min e Mao Tset ungiram ícones da juventude estudantil na medida em que suas imagens eram evocadas como símbolos das resistências contra formas de colonialismo e dominação externa. Foi no quadro internacional aqui ligeiramente retratado que a luta pela liberdade, pelo respeito às diferenças, pela dignidade da pessoa humana, pela democracia e pelo socialismo iluminou milhares de corações jovens espalhados pela Europa e pela América, engajando-os de corpo e alma em lutas com a convicção de que conduziriam a construção de um mundo melhor.

A conjuntura internacional que desabrocha na aurora do novo milênio pouca ou nenhuma relação guarda com a em curso nos anos sessenta do século passado, onde eclodiram os movimentos de rebeldia tendo por núcleo movimentos da juventude. As bandeiras que alimentaram tais movimentos não estão mais em pauta. Na atual conjuntura, com a queda do muro de Berlim (1989) e o inesperado fim da União Soviética (1991), a Guerra Fria chegou ao fim e o socialismo passou a ser desacreditado como antídoto eficaz para sanar males da desigualdade social. Os Estados Unidos, desfraldando a bandeira do neoliberalismo e promessas

democráticas despontaram como potência militar única, dono da guerra e da paz. Ao surgir a nova ordem, as ditaduras haviam desabado como castelos de cartas. Não apenas as do leste europeu, que ruíram junto com a decomposição da antiga União Soviética, mas também as ditaduras fascistas da Península Ibérica - Portugal com a Revolução dos Cravos, em 1974, e Espanha, com morte do general Francisco Franco, em 1975. As ditaduras que povoaram a América Latina entre as décadas de 60 e 80 tiveram igual destino, soçobraram e deram lugar ao surgimento de regimes democráticos, pelo menos formalmente. Os ideais que motivaram a revolução cubana envelheceram não seduzindo mais amplos setores da juventude como projeto da criação de um novo mundo, como ocorria há décadas passadas.

No mundo em que estamos vivendo, dominado pela ótica do mercado globalizado, regido por lógica consumista e individualista, em plena era da revolução digital, da TV a cabo, da telefonia celular e do computador, onde as convocações para os mais variados tipos de manifestações públicas feitas pelas chamadas redes sociais que crescem e proliferam na internet. Em regra, trata-se de manifestações convocadas não se sabe bem por quem, sem objetivos claramente definidos, sem propostas de próximos passos ou lideranças conhecidas e reconhecidas. Oxalá que em tais circunstâncias os jovens, que têm sido o público alvo da maioria de tais convocações, encontrem forças e razões para atuar no sentido da construção de novos substantivos paradigmas comprometidos com a dignidade e realização do homem, assim como jovens fizeram em passado ainda recente. Oxalá.

Referências bibliográficas

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BON, Gustav Le. *Psychologie des foules* (1895). Édition Félix Alcan, 1905.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

_____. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1967.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. In: *Marx e Engels: obras escolhidas*, vol. I, Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1961.

MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

PARETO, Vilfredo. *Trattado di sociologia generale*. Firenze: G. Barbéra, 1916.

POERNER, Arthur José. *O poder jovem*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

ROSZAK, A. *Contracultura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

VENTURA, Zuenir. *1968 - o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 1968.